

A língua portuguesa está fortemente ligada à história de Timor-Leste, e teve papel importante durante o processo de resistência à ocupação indonésia. Um dos motivos para o português ser considerado “língua de resistência” é o fato de que guerrilheiros o utilizavam em suas comunicações, especialmente nos contatos com o exterior. Mas a importância dessa língua na resistência vai além da simples troca de informações práticas e estratégicas – está também na literatura, especialmente na poesia.

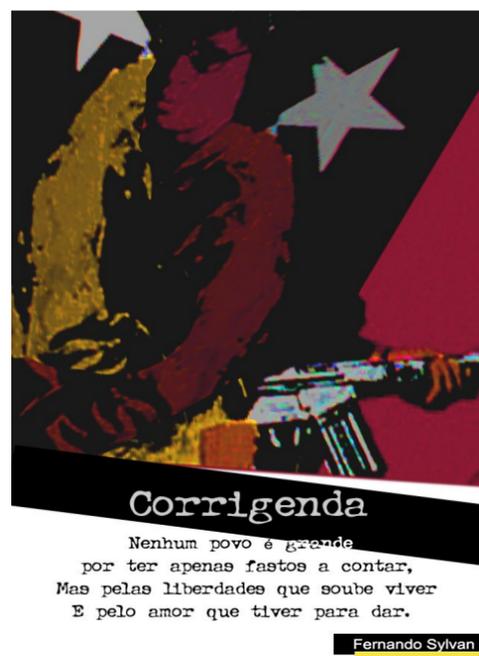
Normalmente, em momentos históricos de forte repressão, a resistência surge não só pelas armas, mas também pelas artes (pintura, música, teatro, cinema, literatura etc.). Por meio de suas obras, os artistas denunciam injustiças, expõem ideias e sentimentos. Na história das literaturas de língua portuguesa, há inúmeros nomes importantes que surgem em períodos de conflito, no combate ao imperialismo e à ditadura. Em meados do século XX, a literatura engajada e de resistência se desenvolve em vários dos países de língua portuguesa: em África, especialmente Angola, Moçambique e Cabo-Verde, durante o processo de descolonização; no Brasil durante a ditadura militar; e em Portugal durante a ditadura de Salazar.

Alguns grandes poetas de Timor-Leste escrevem nesse mesmo contexto histórico. A poesia em língua portuguesa foi um instrumento de divulgação da resistência timorense para o restante do mundo. Diferentemente de notícias e relatórios, esses textos não passavam apenas informações factuais, como datas, nomes e números. Por se tratar de uma forma de arte, os poemas revelavam a subjetividade dos autores – alguns deles envolvidos diretamente na luta armada, e todos profundamente ligados a seu povo e à causa da libertação de sua pátria.



Assim, através da palavra poética, a luta dos timorenses comoveu pessoas em várias partes do mundo.

Em 1982, a União dos Escritores Angolanos publica, na cidade de Luanda, o livro *Enterrem meu coração no Ramelau*, uma coletânea que reúne poemas em língua portuguesa de vários autores timorenses, a saber: Borja da Costa, Fernando Sylvan, Eugénio Salvador Pires, Xanana Gusmão, Oky do Amaral, M. Leto, Mali Manek e Jorge Lauten. No prefácio, um importante alerta para



o leitor: a poesia compilada no livro representa apenas uma pequena parte da produção poética do Povo Maubere. Grande parte da poesia timorense está escrita em língua tétum ou faz parte da tradição oral. Esses poemas, no entanto, não estão contemplados na coletânea, pois o livro se propõe a enviar uma mensagem de Timor-Leste aos povos irmãos utilizando, para isso, algo que têm em comum – a língua portuguesa.

Além desse livro, houve alguns publicados em Portugal, como *A Voz Fagueira de Oan Timor* (1993), de Fernando Sylvan; *Versos do Oprimido* (1995), de Kay Shaly Rakmabeau (pseudônimo de João Aparício); *Mar Meu* (1998), de Xanana Gusmão e *A Janela de Timor* (1999), de João Aparício. Todas essas obras fizeram repercutir a situação de Timor-Leste no mundo. O prefácio de *Mar Meu* foi escrito pelo moçambicano Mia Couto, que diz aos leitores: “O sangue que se perde em Timor escorre de nossas próprias veias. As vidas que se perdem em Timor pesam sobre a nossa própria vida”. Com essas palavras, o escritor mostra que a poesia, para além de relatar fatos ocorridos naquele período sangrento, exprime a universalidade do sentimento humano do povo timorense. Na forma de versos em língua portuguesa, esse sentimento

atinge pessoas em Portugal, Brasil, Angola, Moçambique e outros países.

Vários outros poetas escreveram durante o período da resistência, mas a divulgação das obras era muito difícil devido à repressão cultural e à falta de recursos. Alguns dos que escreveram naquela época só publicaram depois da independência, como Nito Mesquinho, que publicou em 2013 *O Parnaso Timorense*, com poemas escritos entre 1975 e 2011. Muitos outros autores, porém, nunca tiveram seus poemas publicados em livros. Há textos espalhados em jornais, e deve haver ainda tantos outros desconhecidos, guardados em velhos cadernos (isso sem falar naqueles que foram destruídos pelos indonésios). No livro *Foinsa'e e Maubere* (2014), o Prof. Dr. Antero Benedito da Silva recupera poemas publicados em periódicos e documentos diversos, de autores como Rogerio Lobato, Julieta Fatal, Inacio Moura e Mari Alkatiri. É muito importante resgatar esses textos que representam poeticamente a resistência timorense e constituem parte importante da literatura em língua portuguesa do país.

Pela literatura, pode falar não só um indivíduo, mas toda uma nação. Pela poesia pode-se conhecer não só a história e a cultura, mas o sentimento e o caráter heroico de um povo. A literatura de resistência em Timor-Leste – parte dela escrita em português – constitui uma rica e engajada produção artística, e não pode ficar esquecida ou oculta. É preciso valorizar e divulgar a poesia timorense, não deixar morrer a memória e a voz daqueles heróis que, ainda que não tenham pegado em armas, pegaram em lapiseiras para cantar a bravura do Povo Maubere.

por Vivian Borges Paixão
Prof. Mestre em Letras Vernáculas (PQLP/CAPEs)
vpaixão91@gmail.com

Cerimônia de encerramento do curso “Formação de Educadores de Pessoas com Deficiência em Timor-Leste”

No último dia 24 de março, ocorreu no Centro de Reabilitação Liman Hamutuk a cerimônia de encerramento do módulo I da “Formação de Educadores de Pessoas com Deficiência em Timor-Leste”. A proposta surgiu a partir do trabalho desenvolvido pelos educadores da cooperação brasileira, vinculados ao PQLP/Capes, cujo objetivo foi o desenvolvimento de atividades de Arte & Educação, Vivências Corporais e Letramento com crianças, jovens e adultos com deficiência.

A formação foi criada a partir da necessidade de preparar educadores timorenses que frequentam o Centro a continuarem o trabalho realizado pela equipe de educadores do PQLP/Capes. Abordando noções teóricas e práticas interventivas, a formação proposta pelos professores Igor da Silveira Berned, Keu Apoema, Franciane Rosseto Soares e Susana Carvalho visou oferecer conhecimentos básicos a um grupo composto por pais, líderes comunitários com deficiência e funcionários do “Centro de Reabilitação Liman Hamutuk”, em Hera, localizado a 14 quilômetros da capital Díli.

O desenvolvimento do primeiro módulo do curso oportunizou criar condições teóricas e práticas ao grupo de formandos do Centro de modo a estimulá-los a continuar as atividades em educação com pessoas com deficiência, independente da

presença dos educadores brasileiros, os quais retornarão ao Brasil nos próximos dias. Dessa forma, o Centro continuará as suas ações em educação através do trabalho que será desenvolvido pelos recém formados.

O primeiro módulo abordou os seguintes conteúdos: Educação Especial, Desenvolvimento Humano, Deficiência Física, Deficiência Sensorial e Deficiência Intelectual. Esses conteúdos foram desenvolvidos em aulas semanais, durante três meses. Além do primeiro módulo já finalizado, está previsto o segundo e o terceiro com o objetivo de aprofundar e ampliar a formação e preparar pais,



Educadores do PQLP/Capes e formandos do curso “Formação de Educadores de Pessoas com Deficiência em Timor-Leste”.

líderes comunitários com deficiência e funcionários para o planejamento e o desenvolvimento de atividades com as crianças, jovens e adultos que frequentam o centro semanalmente.

A cerimônia contou com a participação das instituições parceiras do Centro de Reabilitação Liman Hamutuk, como a “Agape: Eskola ba Tilun Diuk”. Durante a cerimônia, ocorreu a apresentação de um grupo musical de percussão composto por educandos surdos. Rowena O. Fernandez professora e diretora da Agape, realizou a tradução da cerimônia em Língua Gestual de Sinais. Houve também a presença de representantes das instituições religiosas patrocinadoras do Centro e a participação do presidente da “Asosiasaun Defisiensiia Timor-Leste”, Rigoberto Monteiro.

Logo, o grupo de educadores do PQLP/Capes que desenvolveu o curso deseja agradecer as instituições que participaram da cerimônia e a diretora do Centro de Reabilitação Liman Hamutuk, Maria Aparecida Lopes, a “mana Branca”, por ter aberto as portas do Centro a fim de oportunizar um espaço de ação para a educação com crianças, adultos, mães e familiares das pessoas com deficiência.

por Igor da Silveira Berned
Educador Mestre em Educação (PQLP/CAPEs)
igorberned@gmail.com